

**O EU E O SOCIUS NA PSICOGÊNESE DE HENRI WALLON:
UM POSSÍVEL CAMINHO PARA PENSAR O BAILE DE CONGO DE SÃO
BENEDITO DE CONCEIÇÃO DA BARRA**

PLOTEGHER, Heraldo Marcos Rosário¹

Resumo

Este artigo discute o Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra a partir da relação *Eu* e o *Socius* na psicogênese da pessoa completa de Henri Wallon. Mais do que responder, este artigo pretende dar o primeiro passo da caminhada de pensar e, com isto, abrir questões acerca do papel do Baile de Congo na constituição do *Eu* e do *Socius* da pessoa que mantém viva esta tradição, de modo que permita desdobramentos em outro momento.

Palavras-chave: Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra. Henri Wallon. O *Eu* e o *Socius*.

Introdução

Henri Wallon, em seu artigo “*Níveis e flutuações do eu*”, publicado originalmente em “*L’évolution Psychiatrique*”, em 1956, cuja reprodução em número especial da revista “*Enfance*” ocorreu em 1973, e ainda no livro “*Objetivos e Métodos da Psicologia*”, de 1975, publicado em Portugal (ALMEIDA, 2014, p. 596), apresenta uma interessante análise da relação *Eu-Outro* a partir do emblemático personagem literário Dom Quixote.

“Enfezado, feio, levando uma existência retirada e monótona, começou por se despojar do seu *Eu* desagradável lendo romances de cavalaria, seguindo nas suas proezas os heróis dos seus romances” (WALLON, 1975, p. 171). O autor destaca que ao transformar sua realidade objetiva em algo fantástico, como moinhos de vento em combatentes com os quais travava duelos e batalhas, D. Quixote nega a si próprio e a sua existência, bem como nega o seu meio ambiente.

¹ Licenciado em Música pela Universidade Federal do Espírito Santo, Especialista em Política Pública pelo Instituto Federal do Espírito Santo e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo/UFES. Especialista em Desenvolvimento Humano e Social – Área: Música do Governo do Estado do Espírito Santo. herialdomrp@hotmail.com.

O esforço de D. Quixote é no sentido de reduzir o seu *Eu* real a uma simples aparência. Wallon destaca que ao empenhar este esforço, D. Quixote busca identificar-se ao *Socius*, cuja formação se deu por contraste em relação ao *Eu*. Contudo, seu *Eu* não desaparece e é evocado à presença quando aqueles que não aceitavam suas metamorfoses lhe davam pancadas, e é com o seu *Eu* que D. Quixote se resigna a reintegrar na hora da morte, enfrentando-a com humanidade e nobreza. Foi, portanto, “no seu verdadeiro *Eu* que lhe foi necessário reconhecer-se” (WALLON, 1975, p. 171). E conclui da seguinte forma:

Se D. Quixote parece por vezes aproximar-se da alienação, é uma alienação voluntária e quase consciente. Ele alienou-se num *Eu* fictício no qual condensou, em oposição à sua fraca pessoa, a generosidade e grandeza que nele não podiam encarnar-se. Tratava-se aqui da substituição do *Ego* pelo *Alter* (WALLON, 1975, p. 171).

Na obra de Wallon, o *Socius*, ou o *Outro Íntimo*, é uma das concepções do *Outro*. *Eu* e *Socius* dialogam e mantêm dinamismo e devir constantes, cujas circunstâncias determinarão quem vencerá. “A singularidade do indivíduo se realiza na dialética do *Eu* e do *Outro*” (ALMEIDA, 2014, p. 596).

A análise de Wallon acerca do personagem de ficção D. Quixote parece ser um caminho para se pensar o Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra. A possibilidade de trilhar este caminho, a partir da constituição *Eu-Outro*, se impõe em decorrência do meio ao qual se deu a instituição do Baile de Congo: o sistema escravagista.

Durante o período de vigência do sistema escravagista, subtraiu-se dos negros escravizados a possibilidade de gozo de todas as liberdades. Contudo, o Baile de Congo surge e é instituído neste contexto. Pode-se inferir que em condições do extremo controle exercido pelos senhores escravistas, a constituição do *Eu-Outro* da pessoa escravizada não se dava da mesma forma e nas mesmas condições da pessoa não escravizada.

Hoje, as pessoas que mantêm viva a tradição do Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra são oriundas de Comunidades Quilombolas e Comunidades Negras urbanas no Município de Conceição da Barra. Descendentes diretos de homens e mulheres que foram sequestrados de seus locais de origem em África e

submetidos a um dos piores sistemas de exploração que a humanidade construiu. Neste contexto, outro inimigo, tão potente e nefasto quanto o sistema escravagista, se faz presente: o racismo estrutural, legado indiscutível daquele sistema.

Tanto no contexto do sistema escravagista quanto no contexto atual, onde o racismo estrutural vige, parece que o Baile de Congo exerce um papel na constituição do *Eu-Outro* da pessoa que, antes escravizada, hoje livre, mas oprimida pelo racismo estrutural, mantém esta tradição viva.

Não pretendemos com este artigo realizar uma análise pormenorizada do Baile de Congo a partir da psicogênese da pessoa completa de Henri Wallon. Mais do que responder, este artigo pretende dar o primeiro passo da caminhada de pensar e, com isto, abrir questões acerca do papel do Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra na constituição do *Eu-Outro* da pessoa que mantém viva esta tradição, de modo que permita desdobramentos em outro momento.

1 A diversidade cultural como ponto de partida, apesar do etnocentrismo

O modo como o ser humano vive e compreende o mundo é extremamente diverso. Ao longo do percurso da humanidade, grupos sociais diferentes perceberam e compreenderam o mundo de muitos modos, criando formas diversas de organização social a partir de inúmeros fatores. É fácil perceber isto ao observar, por exemplo, as formas de organização comunitária que foram construídas ao longo do tempo em todo o mundo, bem como o sistema de organização do trabalho, a forma de pensar e produzir ciência, ou as artes, os padrões de comportamento e em tudo mais que o ser humano criou e cria.

Grosso modo, pode-se dizer que a humanidade criou uma diversidade quase infindável de culturas e que cada cultura é a totalidade dos produtos e atividades de um povo, que forma um todo orgânico onde cada elemento funciona em relação ao conjunto da sociedade, sendo estruturadora desta e por ela também estruturada.

Se acolhermos a tese de que diferentes grupos sociais produzem culturas diversas e estas são formas particulares de cada povo viver e organizar o mundo, instituídas a partir de um tempo e um lugar históricos, não havendo, portanto, um único leito de rio

pelo qual a humanidade navegou em sua trajetória, a possibilidade de um povo tentar impor a sua cultura, o seu modo de viver e organizar o mundo, aos demais é grande. Dois conceitos podem ajudar a pensar esta questão: etnocentrismo e diversidade cultural.

O traço principal do etnocentrismo é colocar uma determinada cultura no centro em relação a todas as outras, criando certa hierarquização entre culturas, de modo que prevaleça um modo de vida e um pensamento acerca do mundo. Ao contrário do etnocentrismo, onde culturas diferentes não possuem lógica e não tem sentido, e, por consequência, são inferiores, a diversidade cultural afirma a coexistência de culturas diversas, sendo que estas criam mundos diversos.

Etnocentrismo e diversidade cultural são temas importantes para pensarmos o Baile de Congo tanto no contexto atual quando no contexto de sua instituição, séculos atrás.

2 O Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra no contexto da Cultura Tradicional Popular do Espírito Santo

A Cultura Tradicional Popular brasileira é reconhecida nacional e internacionalmente como uma das mais ricas do mundo. Um dos seus traços mais marcantes e destacados é a diversidade. Somente com muito esforço e tempo poderemos mapear a diversidade de saberes, de celebrações, de formas de expressão e de lugares onde a Cultura Tradicional Popular brasileira se manifesta. Hoje, acerca deste universo, não sabemos quantas pessoas são, muito menos o todo das manifestações existentes no território nacional. Mas há esforços no sentido de desvelar esta diversidade.

De certa forma e com a mesma potência, esta mesma diversidade se manifesta no Espírito Santo. Em 2009, um esforço conjunto entre o Governo do Estado do Espírito Santo, por meio da Secretaria da Cultura, e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, desvelou parte de um mundo ainda desconhecido para maioria dos capixabas e demonstrou a potência da Cultura Tradicional Popular do Espírito Santo em todo o seu território: o Atlas do Folclore Capixaba (2012). Este mapeamento identificou mais de 400 (quatrocentos) grupos tradicionais em atividades e uma diversidade ainda maior de saberes, celebrações e lugares. Danças de matriz europeia (açoriana, alemã, holandesa, italiana, polonesa, pomerana e portuguesa),

Bate-flecha, Capoeira, Congo, Caxambu, Jongu, Jaraguá, Mineiro-pau, Quadrilha², Alardo de São Sebastião, Boi, Charola de São-Sebastião, Folia de Reis, Pastorinhas, Reis de Boi, Terno de Reis e Baile de Congo de São Benedito foram identificados como parte da Cultura Tradicional Popular capixaba (ATLAS DO FOLCLORE CAPIXABA, 2012).

Uma parte importante da Cultura Tradicional Popular capixaba tem suas raízes em povos africanos. Durante séculos, homens e mulheres africanos foram sequestrados dos seus locais de origem e submetidos a um sistema desumano e extremamente violento de escravização. Seus descendentes, nascidos no território que hoje chamamos de Brasil, também durante séculos, foram submetidos ao mesmo sistema.

Segundo relatos da tradição oral, relatos estes de pessoas que mantêm viva a Cultura Tradicional Popular no Espírito Santo, várias destas práticas tem sua origem no período ao qual seus ancestrais foram submetidos ao sistema escravagista, sendo, portanto, seculares.

É o caso do Baile de Congo de São Benedito de Conceição Barra. Também conhecido como Ticumbi de São Benedito, é uma das manifestações da Cultura Tradicional Popular do Espírito Santo. Trata-se de uma celebração festiva secular em homenagem a São Benedito e que ocorre somente na Região Norte do Estado³. Seus integrantes consideram que o tradicional festejo é proveniente da África, sendo recriada nas Comunidades Quilombolas e Comunidades Negras urbanas no Município de Conceição da Barra.

O Baile de Congo rememora uma batalha, uma guerra entre reis africanos para definição de qual reino realizará a festa em louvor a São Benedito. O Rei de Congo, convertido ao catolicismo, não admite que o Rei de Bamba, pagão, realize o festejo. Ao som de canções, pandeiros e ponteados de viola, os *congos*⁴ dançam e se desafiam por meio de discursos poéticos, as embaixadas, por cerca de duas horas.

² Do ponto de vista metodológico, o Atlas do Folclore Capixaba considerou apenas os grupos tradicionais de Quadrilha, cujo traço mais marcante e destacado é a devoção. Neste sentido, apenas três grupos foram identificados (ATLAS DO FOLCLORE CAPIXABA, 2009, p. 132).

³ Há apenas quatro grupos de Baile de Congo no Espírito Santo e todos são de Conceição da Barra.

⁴ Os integrantes do Baile de Congo são chamados de *Congos*.

Ao final, o Rei de Congo sempre termina vencedor e converte o Rei de Bamba ao catolicismo. De modo geral, o baile é composto por dezoito personagens: dois *reis*, dois *secretários*, doze *congós* tocadores de pandeiros, um violero e um *porta-bandeira*.

Muitos são os legados negativos do sistema escravagista ao qual foram submetidos os povos africanos e seus descendentes, mas talvez o mais cruel seja o racismo estrutural que perpassa toda a sociedade brasileira.

O olhar racista reduziu o sentido instituído pela Cultura Tradicional Popular a algo menor, à brincadeira ou folclore, de modo que para manter suas práticas as comunidades negras tiveram que adaptar seu discurso para que não revelasse seu real sentido. Acreditamos que a Cultura Tradicional Popular e, portanto, o Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra, engendra um modo muito particular de perceber e compreender o mundo. Contudo seu sentido foi velado pelo racismo estrutural. Acreditamos que as relações *Eu-Outro* na psicogênese da pessoa completa de Henri Wallon podem colaborar para desvelar o sentido instituído pelo Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra ao realizar-se.

3 O *Eu* e o *socius* na psicogênese da pessoa completa e o Baile de Congo: possíveis caminhos

Wallon estuda as origens dos processos psíquicos a partir do mais simples e na ordem cronológica em que eles aparecem na constituição da totalidade da vida psíquica. Contudo, a psicologia genética não seleciona e isola um único aspecto do ser humano, mas considera o estudo integrado do desenvolvimento. “Constitui-se, assim, no método de uma psicologia geral, concebida como conhecimento do adulto através da criança” (GALVÃO, 1995, p. 31).

O autor considera ainda que o homem é um ser “geneticamente social”, cujo processo de desenvolvimento depende das condições concretas em que ocorre. “Podemos definir o projeto teórico de Wallon como a elaboração de uma psicogênese da pessoa completa” (GALVÃO, 1995, p. 32).

A pessoa completa de Wallon é ao mesmo tempo a garantia da unidade dos conjuntos funcionais que compõe a atividade humana (afetividade, motricidade e inteligência) e também um conjunto funcional. Todos os conjuntos funcionais se fazem presentes ao mesmo tempo, contudo, ao longo dos estágios de desenvolvimento, um ou outro predomina. Os estágios de desenvolvimento propostos por Wallon são: impulsivo (do nascimento aos 3 meses) e emocional (dos 3 meses a 1 ano); sensório-motor e projetivo (dos 12 meses aos 3 anos); personalismo (dos 3 aos 6 anos); categorial (dos 6 aos 11 anos); puberdade e adolescência (acima dos 11 anos); e adulto (ALMEIDA, 2014, p. 598)

A constituição do *Eu* não se dá de uma só vez e isoladamente. É constituído ao mesmo tempo em que seu par indissolúvel, o *Outro*. Desde o recém-nascido até o adulto, a relação *Eu-Outro* perpassará todos os estágios do desenvolvimento humano. Por exemplo, o recém-nascido não se diferencia de sua mãe e do meio ambiente; aos poucos, na medida em que ocorre a ausência ou o excesso da saciedade de suas necessidade, o não-eu começa a diferenciar-se.

Ao longo do desenvolvimento humano, na medida em que o *Eu* ganha contorno mais claros e se afirma, delimitando-se em relação ao *Outro*, surge o *Outro íntimo* ou *Socius*, termo utilizado por Pierre Janet e assumido por Wallon (WALLON, 1975, p. 164). Wallon descreve detalhadamente a constituição do *Eu-Outro* em cada estágio de desenvolvimento. Mas, neste trabalho, concentraremos esforço de discutir o *Socius*, ou o *Outro íntimo*. Vejamos o que autor diz acerca do momento de instituição do *Socius*.

A partir do momento em que o *Eu completo* se afirma, há apenas uma personagem, mas a segunda não desaparece totalmente. Deixa de ser o Ego, torna-se Alter Ego. Trata-se do “socius” de Pierre Janet; um duplo do *Eu* que lhe é concomitante e consubstancial, mas que nem sempre condiz com ele, tão longe dele está. Ele é o suporte da discussão interior, da objecção às determinações ainda duvidosas. Por vezes emancipa-se e torna-se eco ou tomada de pensamento, premonição, ameaça. Está de tal modo ligado ao exercício da reflexão, que os seus fundamentos orgânicos parecem implicar-se mutuamente (WALLON, 1975, p. 164).

Conforme apontado acima, o *Alter* é um par insolúvel do *Eu*, sendo ao mesmo tempo conselheiro, confidente, censor ou espião. Ora permanece íntimo, ora quer encarnar-se numa pessoa real (WALLON, 1975, p. 164). Aqui reside uma questão importante

acerca do Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra, similar ao curioso caso de D. Quixote. Mesmo que a condição de escravizado do *congo* limitasse o exercício pleno de suas liberdades, parece que não o impossibilitava de constituir um *Alter* livre e vigoroso e este parece manifestar-se no momento da realização do Baile. Neste caso, o *congo*, ao realizar o Baile de Congo, institui um *Socius* que quer encarnar-se em sua pessoa real, assim como o cavaleiro do *Outro Íntimo* de D. Quixote? No contexto atual, cuja vigência do racismo estrutural perpassa todas as relações sociais, também limitando as possibilidades de exercício das liberdades dos *congos*, como se dá o mesmo processo?

Wallon também aponta que o *Alter Íntimo* não necessariamente é o *Outro*, nem mesmo a sua fixação se dá somente num indivíduo, podendo ser um grupo ao qual o *Eu* ou identifica-se ou opõe-se (WALLON, 1975, p. 166). Neste caso, pode o Baile de Congo ser o *Socius* com o qual os *congos* se identificam? Um *Outro* ao mesmo tempo individual e coletivo?

A questão acima nos parece ainda mais pertinente se consideramos que

[...] em certos sistemas de sociedade em que os indivíduos parecem participar na existência uns dos outros, sejam quais forem as diferenças de lugar e até de época. Eles estão como que substancialmente unidos por meio dos antepassados que estão sempre presentes e do totem. Não existe nestas crenças qualquer outro ilogismo excepto o não colocar o essencial nas mesmas categorias que nós. As distinções de tempo e de espaço são tidas por secundárias e não implicam uma pluralidade de existência uma pluralidade de existência nem uma impenetrabilidade interindividual (WALLON, 1975, p. 169)

Apesar de o Baile de Congo estar inserido na cultura ocidental pós invenção da escrita, pós nascimento do pensamento abstrato e dicotômico e pós nascimento da ciência moderna, nos parece que em princípio ele se estrutura dentro da dinâmica oral-mitológica.

Pensar a cultura oral e o modo como ela se estrutura, é pensar o mito e a visão mitológica do mundo. Pensar o mito é buscar seu sentido nas sociedades em que ele fundamenta e justifica todo o comportamento e toda a atividade do homem. O mito, segundo Mircea Eliade,

1) constitui a História dos atos dos Entes Sobrenaturais; 2) essa História é considerada absolutamente verdadeira (porque se refere a realidades) e sagrada (porque é a obra dos Entes Sobrenaturais); 3) o mito se refere sempre a uma “criação”, contando como algo veio à existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa a razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos; 4) conhecendo o mito, conhece-se a “origem” das coisas, chegando-se, conseqüentemente, a dominá-los e manipulá-las à vontade; não se trata de um conhecimento que é “exterior”, “abstrato”, mas de um conhecimento que é “vivido” ritualmente, seja narrando cerimonialmente o mito, seja efetuando o ritual ao qual ele serve de justificação; 5) de uma maneira ou de outra, “vive-se” o mito, no sentido de que se é impregnado pelo poder sagrado e exaltantes dos eventos rememorados ou reatualizados (ELIADE, 1994, p. 22).

O cultor e responsável pelo saber na cultura oral é o poeta. “Durante milênios, anteriores à adoção e difusão da escrita, a poesia foi oral e foi o centro e o eixo da vida espiritual dos povos, da gente que – reunida em torno do poeta numa cerimônia ao mesmo tempo religiosa, festiva e mágica – o ouviam” (TORRANO, 2007, p. 19). O dizer do poeta não é o único. O que lhe confere poder é a forma – a poética. O que o aproxima da poética é seu caráter de evocação. O poeta é o agente da memória. Seu poder estava ligado à eficiência com que era capaz de desempenhar sua função. “Não era o que ele dizia e sim o modo como dizia: o modo tinha no fascínio, no encantamento a sua marca decisiva, seja sob o ponto de vista da fruição, seja sob o ponto de vista mnemônico” (TORRANO, 2007, p. 25).

Muitas outras questões podem ser pensadas a partir da relação *Eu-Socius* na psicogênese da pessoa completa de Henri Wallon. Estas foram as primeiras questões que se impuseram ao buscarmos entender nosso objeto de pesquisa, a saber, o Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra, a partir de um recorte da sua teoria.

5 Conclusão

A proposta deste artigo é tensionar nossa estrutura e pressupostos teóricos a partir da relação *Eu-Sócio* na psicogênese da pessoa completa de Henri Walon e apontar questões que podem e devem apontar caminhos para pensar nosso objeto de pesquisa, o Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra.

Não buscamos responder as questões que se impuseram ao longo do nosso processo de reflexão. Neste momento, interessa a possibilidade de trilhar os caminhos

parcialmente desvelados. O Baile de Congo, para nós, é extremamente complexo e articula saberes, celebrações, formas de expressão e lugares num dos territórios mais importantes do Espírito Santo, o Território Quilombola do Sapê do Norte. E para tentar compreender tal complexidade, ampliar nosso referencial teórico, bem como as questões, é fundamental.

Viva São Benedito! Saravá!

6 Referências

ALMEIDA, L. R. Estudos de Psicologia. 1ª ed. **A questão do Eu e do Outro na psicogenética walloniana**. Campinas. 2014.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995. (Educação e conhecimento)

ELIADE. Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1994.

TORRANO, J. **Teogonia: a origem dos deuses**. 7. ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

SEBRAE. **Atlas do Folclore Capixaba**. 1ª ed. 1ª reimp. Espírito Santo. SEBRAE, 2012.

WALLON, H. Objectivos e métodos de psicologia. 1ª ed. **Níveis e flutuações do eu**. Lisboa: Estampa, 1975.